

Limite. ISSN: 1888-4067
nº 13.1, 2019, pp. 181-186

Náufragos presentes e futuros

Present and future shipwrecks

Josiah Blackmore
Harvard University
jblackmore@fas.harvard.edu

Limite: Para Hélio Alves, numa recensão do seu livro *Manifest Perdition: Shipwreck Narrative and Disruption of Empire*, este representaria “the coming of age, in English, of critical work on (...) shipwreck literature (relatos de naufrágio)”.¹ Partilha esta visão? Quais as bases teóricas da sua abordagem crítica e de que maneira lhe permitem trazer os relatos de naufrágio para o campo do debate literário característico do século XXI (reflexão sobre o cânone literário, expansão e pós-colonialismo, estudos culturais...)?

Josiah Blackmore: O comentário de Hélio Alves é muito generoso. As bases teóricas da minha abordagem crítica são, muito simplesmente, o que os próprios relatos de naufrágio nos sugerem: um mundo em que o desastre desencadeia uma série de reflexões sobre o que sabemos, sobre a demografia da comunidade do navio (e a pluralidade social e económica desta demografia tem fortes ligações com alguns aspectos de teorias pós-coloniais), e sobre o próprio acto de escrever. Estas narrativas, por um lado, inserem-se em tradições literárias portuguesas e europeias (a crónica histórica, por exemplo), e por outro descrevem realidades que, poucas vezes se representam nestes mesmos géneros literários, como os pormenores do sofrimento e das necessidades corporais, ou o papel de elementos sociais quase esquecidos nas tradições literárias canónicas (os escravos ou os “línguas” [intérpretes]) no decorrer da acção histórica e nos contactos interculturais da época imperial. Nos debates literários do século XXI, caracterizados muitas vezes pela tendência e pelo impulso de questionar o saber *a priori* e as categorias literárias e as percepções tradicionais, os relatos de naufrágio têm muito a dizer. Constituem um campo de investigação propriamente

¹ Hélio Alves, “Josiah Blackmore. Manifest Perdition: Shipwreck Narrative and the Disruption of Empire”, *Renaissance Quarterly*, Dec 22, 2003.

dito, e as reflexões críticas e os artigos de muitos estudiosos (como os que se acham nas páginas da revista *Limite*) revelam as riquezas intelectuais deste género de literatura.

Limite: Por que motivo lhe pareceu útil demarcar os relatos de naufrágio da literatura de viagens? Continua a parecer-lhe? Estes relatos constituem, de facto, um género singular?

Josiah Blackmore: Se olharmos o panorama histórico entre os séculos XVI e XVIII, observamos que os escritores portugueses definiram um género singular de literatura que hoje chamamos a literatura de naufrágios. Havia, com certeza, episódios de naufrágios na tradição ocidental antes das estórias dos autores representados pela *História trágico-marítima*, mas os relatos de naufrágio como um género auto-consciente são produto dos autores portugueses. Ora bem, isto não quer dizer que não haja outras correntes ou práticas de expressão literária um pouco mais universais ou trans-nacionais dentro das quais podemos situar os naufrágios. Que a literatura de naufrágios tenha nascido da praxis de uma cultura imperial (incluindo os seus ineludíveis aspectos económicos) significa que a história da crítica respeitante à *História trágico-marítima* é sobremaneira variada, manifestando uma multiplicidade de interpretações face ao estatuto problemático do desastre e do falhanço no contexto ideológico da empresa imperial e colonial. Mas a literatura de naufrágio sobrevive, claro, fora das suas origens na empresa marítima portuguesa e ibérica. É o interesse cultural pelos desastres, pelo trauma, pela sobrevivência. Como as histórias do terremoto de 1755. Ou os artigos nos jornais e na Internet. Quando lemos hoje em dia, por exemplo, acerca de um desastre de avião, lemos um relato de naufrágio: evidencia-se a mesma preocupação com o navio perdido na sua fisicalidade e com os sobreviventes e as suas tribulações. Neste sentido, o relato português de naufrágio é um género singular de uma experiência humana arquetípica.

Limite: Por que razão considerou importante estudar os antecedentes literários ibéricos dos relatos de naufrágios?

Josiah Blackmore: Acho importante o estudo dos antecedentes literários ibéricos porque nos ajuda entender que o relato de naufrágio é a continuação de uma imaginação colectiva (muitas vezes culta, mas nem sempre) ao mesmo tempo que é uma novidade na tradição de *story-telling*. No caso ibérico – e realço a perspectiva peninsular – o mar, a navegação e o desastre sempre têm tido um lugar muito especial no imaginário dos escritores, dos poetas e dos próprios viajantes. Por isso é possível pensarmos a literatura de naufrágios como um componente

da literatura ibérica do mar, uma literatura, *grosso modo*, de grande criatividade e alcance mundial.

Limite: Dentro da sua pesquisa, por que motivo sentiu necessidade de interpretar textos colaterais aos relatos de naufrágios, desde os poetas aos cronistas?

Josiah Blackmore: É uma pergunta muito importante. E a resposta é simples: temos que reconhecer que os naufrágios são oriundos de uma *cultura* do mar, ou seja, uma prática, ao longo dos séculos, em que o mar desempenha uma função fundamental na vida quotidiana e na vida intelectual e literária. Distinguir sempre entre géneros de textos – crónica, poesia, tratado geográfico – corre o perigo de esconder, ou pelo menos ofuscar, as afinidades vivas entre modos e géneros de pensar. O mar constitui o campo de investigação interdisciplinar por excelência. Corte-Real pensa no mar de uma maneira; os autores dos nossos relatos de outra maneira; João de Castro, ou João de Barros, de outras; e Sophia de Mello Breyner ainda de outras, como no seu belíssimo conto “Homero.” Qual é o elemento comum entre estes pensadores? O mar. Pensar ou estudar apenas a crónica histórica ignora as revelações de um poema épico ou lírico, e é muito provável que haja afinidades bem interessantes e reveladoras entre géneros tradicionalmente distintos. Cada autor, artista, ou filósofo vê o mar de uma maneira diferente – neste sentido, todos são “teóricos do mar.” Acho que é nosso dever, como estudiosos, reconhecer que o mar é um princípio da cultura e da atividade intelectual.

Limite: Qual o lugar da célebre antologia setecentista de Bernardo Gomes de Brito, *História trágico-marítima*, sucesso editorial várias vezes reeditado até aos nossos dias, no processo de receção e de canonização dos relatos de naufrágio?

Josiah Blackmore: Quando, em 1735-36, Bernardo Gomes de Brito publicou a *História trágico-marítima*, os naufrágios haviam sido já uma presença quase constante na vida marítima portuguesa ao longo de mais ou menos duzentos anos. Como se sabe, o exemplo mais antigo que nos chegou deste género literário emergente é a anónima *Historia da muy notauel perda do Galeão grande sam João*, que relata a morte trágica de Manuel de Sousa Sepúlveda e a sua família. Era, no século XVI, o mais célebre relato da literatura de naufrágios, e pode dizer-se que o naufrágio como experiência empírica e como texto literário se tornou um símbolo do próprio império marítimo e das incertezas da expansão, ao ponto de Camões referir a história de Sepúlveda como

uma das muitas calamidades reservadas aos aventureiros portugueses, tal como profetizadas pelo gigante Adamastor em *Os Lusíadas*. As narrativas de naufrágio multiplicaram-se durante todo o século XVII, e, como no século anterior, os relatos circulavam em folhetos (literatura de cordel). Assim, por serem textos “efémeros,” havia sempre o perigo de os folhetos desaparecerem, ou, por outras palavras, de naufragarem. A antologia de Gomes de Brito, com as suas licenças inquisitoriais (um leitorado institucional, pode-se dizer) e dentro do contexto intelectual da recém-fundada Academia Portuguesa da História, concedeu uma *gravitas* intelectual aos relatos de naufrágios do ponto de vista da história literária portuguesa. O livro de Gomes de Brito assim “consagrou” a literatura de naufrágios como um género canónico da literatura portuguesa, mas já havia indicações da importância da sua presença no pensamento português com o poema épico de Camões. A canonização da história de Manuel de Sousa Sepúlveda na voz de Adamastor conferiu ao naufrágio e à narrativa de naufrágios uma dignidade e uma autonomia que perdurariam no contexto da literatura e da cultura portuguesas.

Limite: Como podemos explicar o sucesso popular da literatura de naufrágios portuguesa ao longo de tanto tempo – atração pelo trágico? Dimensão dramática dessas catástrofes? Função moralizadora de fundo cristão? Valor histórico e informativo?

Josiah Blackmore: Com certeza tudo isso, e mais. A crítica da literatura de naufrágios continua a revelar as muitas leituras e possibilidades hermenêuticas do naufrágio e das suas instâncias literárias ou narrativas. O mito, a religião, a história, a antropologia e a psicologia são apenas algumas das categorias críticas que subjazem à sua análise. O naufrágio está a adquirir uma importância crítica como um momento ou evento privilegiado em que se discernem alguns dos fios de pensamento mais provocadores sobre a cultura, a história, e até a humanidade. Por isso, o naufrágio chega a ser uma categoria hermenêutica da cultura em si. O drama da perda e do sofrimento também contribui para a atração destes textos, e as situações extremas em que se encontram os protagonistas do naufrágio. Há tantos momentos comoventes de humanidade aqui – amor, sofrimento, esperança, medo, terror, coragem, ternura. Muitos destes textos poderiam ser a base de um filme, um “action thriller” no estilo de Indiana Jones. Não nos esqueçamos também do facto de que, ao serem publicados, os folhetos continham os nomes de muitas pessoas cujos parentes ainda estavam vivos em Portugal – o aspecto pessoal com certeza tinha o seu próprio poder. A

diversidade de opinião crítica a que aqui tenho aludido (e que não é, de modo algum, exaustiva) aponta tanto para a riqueza das narrativas de naufrágio enquanto empreendimento histórico e imaginativo como para a própria natureza do naufrágio. Na sua essência, o naufrágio é uma figura da disrupção, instabilizando categorias de tempo, espaço e organização social, uma categoria de crise que inevitavelmente causa mal-estar.

Limite: Como avalia a presença tão fecunda dos relatos de naufrágios na literatura e cultura portuguesas ao longo de séculos, nomeadamente nos enormes ecos intertextuais e simbólicos?

Josiah Blackmore: Acho que a resposta está na pergunta: justamente a fecundez dos mundos simbólicos, metafóricos e empíricos presentes nesta literatura. Não se esgota facilmente a presença das diversas esferas de experiência e das suas reverberações culturais ao longo dos séculos. Na minha opinião, quando se estuda a literatura de naufrágios escrita em português e os seus ecos intertextuais, estuda-se, muito concretamente, a cultura portuguesa.

Limite: Em que termos continua a ser defensável a tese de que a literatura de naufrágios constitui um contraponto sombrio e crítico à ideologia heroica e oficial do Império português?

Josiah Blackmore: Continuo a pensar que a tese é defensável, mas, depois da publicação de *Manifest Perdition* há 17 anos, tenho vindo a perceber que há mais, muitas mais hipóteses interpretativas. Algumas das narrativas constituem, sim, um contraponto à ideologia heroica e oficial do Império português, mas há momentos também em que se corrobora essa mesma ideologia. Momentos, por exemplo, em que um certo heroísmo é evidente, ou maneiras “imperiais” ou “coloniais” de pensar com respeito aos povos indígenas encontrados em África. Muitos estudos recentes propõem leituras diferentes, ou reconhecem outras abordagens críticas. Para mim é sempre um prazer ler a obra dos colegas que desejam avançar ou variar o debate crítico sobre os naufrágios.

Limite: É possível comparar a relevância da literatura de naufrágios na História da Literatura Portuguesa com o que acontece noutros sistemas literários, da Europa aos Estados Unidos? Pode sustentar-se que estamos perante um género literário muito português?

Josiah Blackmore: É muito possível – e até poderíamos dizer imprescindível – comparar a literatura portuguesa de naufrágios com outros sistemas literários. Por exemplo, Steve Mentz, professor na Univ.

de St. John nos EUA, publicou um livro em 2015, *Shipwreck Modernity*, em que submete a análise a literatura inglesa de naufrágios, com grandes revelações. O livro de Mentz é um estudo muito perspicaz sobre a função literária e cultural do naufrágio na história literária britânica, com fortes incursões no estudo da ecologia global. As antologias francesas e holandesas dos naufrágios também merecem ser analisadas em muito pormenor. Muito felizmente, não vejo um fim para os diálogos que os naufrágios são capazes de gerar entre estudiosos de várias tradições literárias.

Limite: Há teses, temas ou simplesmente ideias presentes no seu livro que tenha vindo a desenvolver posteriormente? Quais as linhas de investigação relacionadas com a literatura de naufrágios que tem entre mãos?

Josiah Blackmore: Os naufrágios não dormem. Continuam a fazer parte da minha pesquisa – por exemplo, as experiências sensoriais dos sobreviventes nos espaços do desastre marítimo e o naufrágio como dimensão do sujeito literário marítimo figuram em vários projetos que estou a desenvolver no momento sobre o imaginário marítimo português. Continuo a pensar sobre a *História trágico-marítima*, como ilustra à *outrance* a dificuldade de se chegar a uma descrição estável, insusceptível de ser revista, de um texto literário ou historiográfico, dada a natureza alegórica do naufrágio como catástrofe interpretativa. Discussões críticas emergentes no âmbito daquilo a que hoje se chama “as humanidades marítimas” ou “a nova talassocracia” propõem descrições inovadoras do naufrágio em vários *media* artísticos e textuais. A *História trágico-marítima* pode reclamar um lugar privilegiado nestas abordagens nascentes, visto que fundou a literatura de naufrágios europeia. Como os leitores inquisitoriais do século XVIII, os investigadores reconhecem uma urgência crítica na leitura do género literário do naufrágio no contexto das fronteiras permeáveis das humanidades e das ciências sociais, desalojando modos de pensar fossilizados.